



NÃO PINTCHA

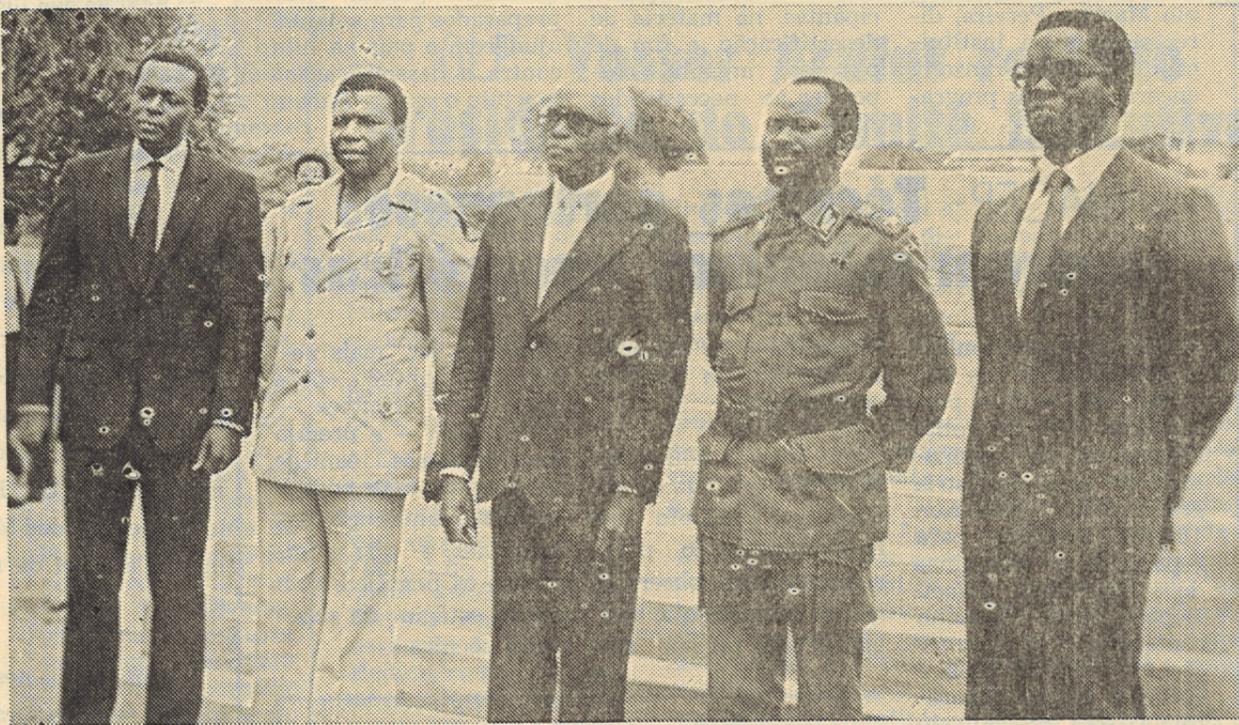
ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 5712/5736/5738

BIBLIOTECA

CIMEIRADOS "CINCO" SERÁ EM DEZEMBRO



A IV Cimeira dos países africanos de expressão oficial portuguesa realizar-se-á em Dezembro, em B'ssau, anunciou o Conselho de Ministros, que se reuniu na quarta-feira, tendo os trabalhos prosseguido na quinta-feira.

A data exacta da Cimeira dos «Cinco» não foi precisada pelo Conselho de Ministros. Recordamos que a III Cimeira teve lugar em Setembro passado na cidade da Praia, Cabo Verde, onde foram adoptadas decisões importantes respeitantes ao processo de desenvolvimento económico dos nossos países.

O Conselho de Ministros aprovou ainda os decretos que aprovam o regulamento do serviço militar e que define o pagamento da taxa militar. A reunião foi presidida pelo camarada Nino Vieira, Secretário-Geral do Partido e Presidente do Conselho da Revolução na presença do camarada Víctor Saúde Maria, Vice-Presidente do Conselho da Revolução e Primeiro-Ministro.

HOJE HÁ SUPLEMENTO CULTURAL



YASSER ARAFAT VISITARÁ A GUINÉ-BISSAU

O líder da Organização da Libertação da Palestina, Yasser Arafat visitará a Guiné-Bissau, anunciou ao Não Pintcha o camarada Tiago Aleluia Lopes, do BP do Comité Central do Partido no seu regresso da Argélia, onde representou o PAIGC na 16.ª Sessão do Conselho Nacional Palestino, que decorreu na capital argelina.

Yasser Arafat visitará o nosso país a convite da direcção superior

do Partido mas a data da sua viagem à nossa terra não foi confirmada ainda.

Entretanto, o líder palestino foi reeleito na terça-feira passada em Argel à testa do Comité Executivo da OLP, no final da reunião do Conselho Nacional da Palestina.

(Ver pág. 7 e 8)

NOVOS PREÇOS PARA COMBUSTÍVEIS

O Conselho de Ministros aprovou na sua reunião de quinta-feira passada o aumento de preços de combustíveis para os anos de 1983 e 1984.

Com este aumento a gasolina super que era vendida a 32 PG, passa agora a 40 pesos e a normal que se vendia a 30 PG, subiu para 38 pesos. O gasóleo sobe de 15 para 20 pesos e o petróleo de 18 para 23 pesos.

No próximo ano o aumento será o seguinte: Gasolina super para 41 pesos, normal, 39 PG, gasóleo 22 PG, enquanto que o petróleo manterá o mesmo preço.

(Ver pág. 8)

NESTA EDIÇÃO:

- PANA E A INFORMAÇÃO
- ÁLCOOL E DROGA
- CONVERSACÕES SOBRE NAMÍBIA

(Centrais)

(Pág-7)

MUSEU DA LUTA DE LIBERTAÇÃO

O Museu da Luta de Libertação Nacional será inaugurado no próximo ano, por ocasião das comemorações do 60.º aniversário natalício do camarada Amílcar Cabral, Fundador da Nacionalidade guineense.

Esta informação foi-nos dada pela comissão de recolha de objectos para a criação do Museu, que conta

com a participação de Alexis Nevercovitch, secretário científico do Museu Central de Lenine de Moscovo. «Este técnico soviético esteve durante três meses no nosso país, a colaborar na preparação e recolha dos elementos necessários à criação do nosso Museu».

(Ver pág. 8)

Carta aberta aos taxistas

Prezo-me mais uma vez em utilizar as colunas dos leitores, desta vez para lançar um apelo aos nossos estimados «taxistas» no que respeita à higiene.

Com razão diz o povo «Pobre, mas limpo». Em quase todo o mundo detectamos o bom trato que esses «servidores do povo» dão aos seus clientes, sobretudo a higiene praticada pelos mesmos que até mete inveja. Uniformes indicados, carros bem limpos etc, etc.

Ora, na nossa Guiné-Bissau, não podemos dar ao luxo do género porque mesquinho muito (penso não ser a única pessoa), quando vejo alguns dos nossos «taxistas» que sem compreender porquê, não procuram cuidar da sua higiene; despenteados, camisas e calças sujas e muitas vezes rotas. Outrora, alguns dos «táxis» não oferecem condições de higiene, segurança e conforto devidos aos clientes.

Como exemplo, as almofadas em mau estado, portas dos mesmos em mau funcionamento o que leva muitas vezes o cliente a solicitar a ajuda do condutor para a sua abertura. E mais ainda, muitas vezes as referidas portas vêm amarradas, trancadas com fecho (das que se utilizam nas casas) ou mesmo presas com pedaços de fio...

No caso de acidente, como poderá alguém sobreviver caso tenha possibilidades para isso sem o condutor? Pois muitas vezes as portas abrem-se somente com a habilidade desse.

Francamente não sei, por isso, o meu propósito aqui não é ofender os nossos amigos «taxistas» abrangidos pelo que acabei de mencionar, mas simplesmente de chamar-lhes a atenção pelo facto de que consertando tudo isso podem ganhar prestígios que os tornarão populares. Caro «taxista», peço-te: dá um «toque» nesses problemazinhos que muitas vezes colocamos a rótulo de «o nosso país não tem meios». Dando esse toquezinho estás a servir cada vez mais o nosso povo, que tanto te quer e te estima.

FRANCISCO PEREIRA BARRETO

Seminário sobre desertificação

O seminário sobre a desertificação terminou os seus trabalhos depois de uma semana de intenso debate. Participaram nesse curso, dez jovens nacionais, representando diversos departamentos estatais, nomeadamente, dos Ministérios do Desenvolvimento Rural, Recursos Naturais e ainda dos funcionários da Meteorologia.

O encerramento realizou-se na segunda-feira passada na sede da Meteorologia nacional. Ao acto, estiveram presentes os camaradas António Martins Pereira, director daquela instituição, senhor Franzoni, encarregado dos progra-

mas da PNUD, e o Dr. Claude Max Babau, inspector da Organização Meteorológica Mundial, com a sede em Genebra, capital da Suíça.

No decurso do acto, o director da Meteorologia, ao usar da palavra começou por apresentar aos seminaristas as personalidades que se encontravam na mesa e posteriormente explicou as razões principais da realização do seminário sobre efeitos da desertificação no nosso país.

«Este seminário é para a superação dos conhecimentos dos jovens participantes, na matéria de desertificação, a fim de poderem amanhã responder às necessidades

do nosso país que, faz parte da África Ocidental, ameaçada pela seca proveniente da invasão do deserto do Shara e combater os prejuízos verificados no solo pelos vários tipos da chuva», afirmou o camarada António Martins Pereira.

Entretanto, o Dr. Babau administrador do curso, na sua intervenção disse que a Guiné-Bissau é o primeiro país onde começou a dar o referido curso, devendo seguir para outros países africanos que suportam os mesmos problemas. «Tenho a certeza que estes jovens estão preparados para amanhã ajudarem o país na luta contra a desertificação» concluiu o senhor Babau.

INACEP: Técnicos portugueses reparam máquinas tipográficas

Com base num contrato com a Imprensa Nacional, dois técnicos portugueses da Grafolito (Sociedade de equipamentos para Indústria gráfica Lda.) estiveram 15 dias em Bissau para reparar duas máquinas de impressão Offset. Depois deste Trabalho concluído, os mesmos técnicos, Manuel Viola e Ricardo Ginja, repararam já fora do contrato e gratuitamente uma impressora.

Para além deste trabalho, e no mesmo espírito de colaboração, os referidos técnicos transmitiram aos seus colegas da mesma especialidade da Imprensa Nacional alguns pormenores da técnica de montagem da

fotografia e da afinação no âmbito do mesmo equipamento.

O «NP» ouviu o sr. Manuel Viola que considerou o conjunto dos equipamentos do nível razoável, mas, observou que os serviços que acabaram de prestar não

viesses a ser mais necessários. Contudo, «para que isso aconteça — acrescentou — é preciso que os vossos técnicos se apliquem mais no trabalho de manutenção das máquinas, e que a Imprensa os beneficie com algum estágio de superação técnica».

Campanha agrícola

Uma notícia da «ANG», veiculada pelo nosso jornal n.º 943, sobre a campanha agrícola na Região de Gabú, e referente à demora verificada na aquisição do algodão, mere-

ceu dos Armazéns do Povo um pedido de retificação.

«Os Armazéns do Povo e a Socomin não comercializam algodão», lê-se numa nota enviada à nossa Redacção.

Centro de maternidade em Bambadinca

Um novo centro de maternidade foi construído pelos padres católicos em Bambadinca, na secção de Samba Silate, em memória das crianças assassinadas pelos colonialistas em 23 de Fevereiro de 1964.

A data da sua inauguração, marcada para o dia 8 de Março, foi decidida numa reunião realizada em Bafatá, presidida pelo camarada Caetano Barbosa, secretário para a Organização de Massas, sendo por outro lado escolhido o sector de Bambadinca como palco das comemorações do Dia Internacional das Mulheres, a nível da região.

Entretanto, nessa mesma reunião foram destacados os membros que tomarão parte nas divulgações das resoluções do 1.º Congresso da UDEMU, que coincide com o dia 8 de Março.

O que acha do caso do tráfico e consumo da droga (1) ?

O caso da droga reapareceu depois de alguns anos de silêncio. Com efeito, foram detectados mais alguns jovens implicados no consumo desta substância nociva. A «heroína» ou «liamba», são capazes de alterar gradualmente o sistema nervoso (conforme as doses) da pessoa consumidora, levando-a a praticar muitos actos inconscientes.

Recorde-se que tal prática já fora detectada anos atrás, sendo este o terceiro caso.

Eis as opiniões das pessoas interrogadas sobre o assunto.

«CADA PESSOA DEVE SER FORTE»

Mário C6, 21 anos, estudante, morador no Bairro de Belém.

«Muitos jovens acham que drogando-se podem resolver os problemas que os afectam. A esses chamo-os de fracos, porque cada pessoa deve ser forte para enfrentar os seus proble-

mas, por mais complexos que sejam, e não se refugiar em drogas ou substâncias nocivas à sua saúde. Outros ainda caem nesta desgraça por simples curiosidade ou influência de amigos (!?) e acabam por se viciar.

Outros ainda se entregam a esta prática como uma forma de auto-afirmação, uma vez que, estando no seu estado normal, sentem-se com-

plexados, ou diminuídos. Nas minhas observações diárias, constatei que muitos rapazes fumam para chamar a atenção das raparigas e vice-versa. Isso pode parecer incrível mas é verdade. É precisamente este tipo de gente que tem a tendência de tomar droga.

No que diz respeito à pergunta propriamente dita, penso que este caso, embora se apresente embrionário, deve ser imediatamente combatido. Para ser sincero, posso dizer que em relação aos outros países somos uns felizardos, porque os consumidores da droga na Guiné-Bissau são praticamente inexistentes. Pelo que sei, temos apenas principiantes, que felizmente

são detectados quando se entregam a estas práticas».

«É DIFÍCIL COMPREENDER UM SER HUMANO»

Albino Sanca, 25 anos, estudante, morador em Cupelum.

«Eu não tenho muita coisa a dizer acerca desta pergunta, mas acho que é um problema que deve ser imediatamente travado para não se alastrar».

Quase todo o mundo sabe qual é o efeito da «heroína» ou «liamba». Mas como alguém disse, o fruto proibido engendra curiosidade. É o que aconteceu com Adão e Eva. Não sou psicólogo de forma que não percebo porque é que ainda

as pessoas têm tendência de ingerir esta que tanto mal faz a saúde. Realmente é difícil compreender o ser humano. A meu ver, penso que se deve lançar uma campanha de explicação do perigo que a droga pode causar à pessoa que a consome».

«ESTA SUBSTÂNCIA TEM UM RAIOS DE DESTRUIÇÃO FÍSICO-PSICOLÓGICA»

André Cardoso, 23 anos, estudante.

«O consumo da droga é um problema muito preocupante com que muitos países se debatem actualmente. Isso porque esta substância tem um grande raios de destruição físico-psicológica». As

pessoas que se entregam ao consumo da droga, a meu ver, são uns desgraçados. Normalmente os jovens é que provam esta substância. A propagação da mesma depende da própria acção do governo.

Portanto, a meu ver, devem ser tomadas medidas drásticas para bloquear a situação que se alastra aos poucos.

No seio da nossa juventude, existem jovens que têm um conceito muito errado da cultura. Acham que uma pessoa que se droga, fuma e bebe até cair aos pedaços é que é mais culto. Estes realmente vivem nas nuvens, porque em vez de conservar a sua saúde destroem-na aos poucos».

Donativo chinês ao Ministério de Saúde

Teve lugar no fim da tarde da passada quinta-feira, no Ministério de Saúde e Assuntos Sociais, a entrega de um lote de 665 volumes, num total de 19 mil toneladas de medicamentos, oferta do Governo Chinês ao nosso país.

Na cerimónia falou a titular da pasta de Saúde, camarada Carmen Pereira que começou por agradecer ao governo chinês na pessoa do seu Embaixador pela importância do gesto, que irá contribuir para

o estreitamento de laços de amizade que já datam dos tempos da Luta de Libertação Nacional, tendo focado ainda as dificuldades com que a equipa médica chinesa colocada em Canchungo se debate neste momento por falta de medicamentos.

A camarada Ministro Carmen Pereira, realçou a valiosa ajuda que o governo chinês nos dispensa na área da saúde, fazendo uma referência particular à construção do novo hospital regio-

nal de Canchungo, cujo início das obras está previsto para o segundo trimestre deste ano. Afirmou ainda de que com a chegada dos medicamentos a equipa médica chinesa iniciará as suas consultas na próxima segunda-feira.

Da parte chinesa falou o Embaixador daquele país o senhor Liu Ying Sian que manifestou a sua satisfação por ter sido incumbido de proceder a entrega dos medicamentos, que não são mais do que uma prova das boas relações

existentes entre os nossos dois países e governos.

Por outro lado, disse que a oferta vem na sequência dum acordo assinado no ano passado entre o nosso Governo e o da China.

Quanto à construção do novo hospital que irá ser dirigido pelos técnicos chineses e cujas obras terão início no segundo trimestre do ano em curso, o embaixador lembrou que a primeira parte do material para as obras já se encontra no país.

Conferência regional da URT de Bissau

A Comissão Organizadora da Segunda Conferência da União Regional dos Trabalhadores do Sector Autónomo de Bissau (U.R.T. S.A.B.), reuniu-se na passada terça-feira, para discutir as várias propostas apresentadas pelas subcomissões de trabalho ligado à escolha do emblema da próxima reunião magna dos trabalhadores de SAB.

A referida reunião foi presidida pelo camarada José Saraiva, membro do Secretariado da URTSAB.

Centro de lingua inglesa

Vai ser inaugurada na próxima quinta-feira, em Bissau, um novo Centro de leitura, denominado «Casa Lincoln», criada pela Embaixada Americana acreditada em Bissau.

O «Centro Lincoln» onde o leitor poderá encontrar revistas, livros e literatura em lingua inglesa, fun-

cionará diariamente no período de manhã das 8 às 13,30 horas e fica situado ao lado da Guinegaz.

De acordo com uma nota, enviada à nossa Redacção, no referido Centro, os interessados poderão adquirir a títulos de empréstimo, filmes bem como material cultural.

Concurso de máscaras

Terá lugar amanhã pelas 15 horas no Estádio Lino Correia, um concurso individual das máscaras pré-seleccionadas pelo júri aquando da realização do desfile dos foliões do passado dia 15 do corrente.

Por outro lado, a Comissão Regional do Carnaval 83 dá conta de que são convidados a tomar parte num desfile que se realiza no mesmo Estádio, todos os grupos participantes no desfile deste ano.

Cortes de energia

Segundo informações recolhidas junto de um alto funcionário da CEABIS, os cortes de energia eléctrica que se verificam na capital deve-se à quebra de casquilho no grupo gerador 4.

Entretanto, operações com vista à normalização da situação estão a ser levadas a cabo, não se podendo adiantar de momento, a data da sua conclusão.

Técnicos da Tepclima em Bissau

As obras da segunda fase de climatização das novas instalações da Radiodifusão Nacional, foram retomadas este mês por uma equipa de dois técnicos portugueses da Cooperativa TEPCLIMA.

Segundo um dos técnicos, as obras da Radiodifusão terão a duração

de três meses, caso não surjam imprevistos.

De acordo com a a «ANOP», a referida empresa trabalha no país há cinco anos, tendo executado já as obras de climatização da sede do PAIGC e Ministério dos Negócios Estrangeiros, estando ainda prevista a realização do

mesmo serviço na Biblioteca Nacional.

Por outro lado, é de salientar que a cooperativa TEPCLIMA, além do nosso país, opera em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique, estando ainda prevista para breve a abertura de um acordo com Angola.

Meteorologia

Temperatura máxima do ar 34 graus.
Temperatura máxima média para o mês 34 graus.
Temperatura mínima do ar 21 graus.
Humidade máxima 98% Humidade mínima 31%
Vento predominante de N com velocidade média de 13Km/h
Vento máximo de S com velocidade de 26Km/h

Farmácias

HOJE — Farmácia Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 212702
AMANHÃ — Farmácia n.º 2 — Bairro de Belém, telefone 213702
SEGUNDA-FEIRA — Farmácia Higiene — Rua António M'Bana, telefone 212520

Festival sobrenatural: Um bom espectáculo

O espectáculo denominado «Festival Sobrenatural», realizado no Salão III Congresso durante os dias 22, 23 e 24 de corrente mês pelos artistas Pathy-Bad e Bettina, que apresentaram ao público da capital uma confortável noite de «show» com cenas mágicas, telepáticas e hipnóticas, foi acolhido com entusiasmo, sobretudo no momento das cenas de hipnose que fez delirar a plateia, e dormir alguns curiosos ou amantes de sensações novas.

Espectáculo como este, é factível raro, o que justifica a lotação quase esgotada do salão.

Sem dúvida que os mestres Pathy-Bad e Bettina são especialistas nas artes que levaram ao palco do Salão do Congresso. Muitas vezes as suas apresentações fizeram «crepitar» a sala pelas «estranhas» demonstrações que constituíam um autêntico desafio à atenção dos espectadores. Caso concreto do corte na mão com a faca; do sono hipnótico

ou quando Bettina meteu-se dentro de uma caixa de cartão sendo esta atravessada com lanças por todos os lados, para depois ressurgir já com outro fato e sem qualquer ferimento.

Bettina revelou as suas qualidades telepáticas. De olhos vendados e de costas para o público, foi dizendo os nomes dos objectos que Pathy-Bad na sala, pedia aos espectadores.

Realmente uma noite a não esquecer, abrilhantada pelos artistas franceses Pathy-Bad e Bettina campeões da Europa e França do ano 82, e promovida pelo Centro Cultural Francês no quadro das actividades culturais em colaboração com a Casa da Cultura.

Depois de Bissau estes artistas prosseguem a sua tournée a algumas capitais africanas nomeadamente Dakar, Niamey, Bamako, Nouakchot, Port-Louis, Cureppe (ilhas Maurícias), Nairobi, St.º Benis (Ilha da Reunião) Kigali, Kinshassa, Bujumbura e Brazaville.



A PANA e a independência de in

A PANA (Agência Panafricana de Informação) é uma instituição nova no âmbito da Nova Ordem Internacional de Informação. Ela permitirá não só aos Estados africanos intensificarem entre si a troca de informações em sistemas unificados, mas também uma considerável independência dos mesmos perante os grandes monopólios internacionais de informação.

Na edição anterior do «Nô Pintcha», publicámos uma entrevista com o director-geral da PANA, por ocasião da sua recente visita ao país. Mas, para uma melhor informação dos nossos leitores voltámos aqui, mais uma vez, à problemática das comunicações em África, com maior incidência, como é evidente, sobre a nova Agência neste Ano Mundial das Comunicações. Um artigo da revista mensal «O Jornalista Democrático» da Organização Internacional dos Jornalistas, de autoria de V. Crilov da URSS, serviu de base para o texto que a seguir publicamos.

«No momento em que o representante da Guiné-Bissau assinava a Convenção PANA no início do ano de 1982, o número de países membros da Agência Panafricana atingia os dois terços dos países membros da OUA, o que permitiu, a 4 de Fevereiro, que a PANA fosse reconhecida como Agência oficial a nível continental

O Comité interparlamentar da PANA, reunido de 11 a 14 de Março passado em Dakar, decidiu que a Agência começaria a funcionar efectivamente, quer dizer, a recolher e a difundir informações em Dezembro do mesmo ano. O Comité convidou os Estados membros a lançar durante a cimeira da OUA um apelo a todas as administrações dos Correios africanos para que reduzissem à 50 por cento as tarifas para os despachos informativos da PANA. Isto porque até 1985, a PANA se servirá das linhas de comunicação nacionais existentes nos diversos países, e pagará esses

serviços no quadro do seu próprio orçamento.

O Comité interparlamentar recomendou em seguida que se organizassem regularmente reuniões dos responsáveis das agências nacionais de informação, onde seriam discutidas as novas possibilidades de cooperação entre essas agências. (A primeira reunião desta natureza devia consagrar-se à inauguração das actividades da PANA). O melhoramento dos trabalhos das agências nacionais africanas que constituirão a principal fonte de informações da PANA, seria o tema de uma das reuniões seguintes.

ÁFRICA: UM CONTINENTE ADORMECIDO?

Já lá vai o tempo em que a África era considerada o «continente adormecido». Os povos africanos sacudiram o jugo colonial, e conquistaram vitórias consideráveis na via do desenvolvimento independente. Na época actual, a

posição dos países africanos joga um papel importante na solução dos problemas da actualidade da vida internacional.

Entretanto, esses países têm ainda em suspenso um grande número de problemas de carácter social, político e económico. Os povos africanos são por isso obrigados a empenhar-se numa luta difícil contra as forças unidas do imperialismo, do racismo e do neocolonialismo. Uma África nova forja-se na luta. Uma África que procura os meios eficazes para transpor o seu atraso, e que tenta abraçar a longa via do progresso social.

Por outro lado, na luta em que o modo de pensar dos africanos está em disputa, a propaganda imperialista serve-se de todo o seu arsenal de meios e de possibilidades fornecidos pela revolução científica e técnica. Essa propaganda emprega os seus métodos favoritos, tais como a deformação dos factos e a desinformação, num esforço de «preservar» a África das ideias pro-

gressistas, de impedir a sua participação na luta dos povos contra o imperialismo. A concentração das atenções sobre o aspecto ideológico reflecte o esforço do imperialismo em recuperar as posições perdidas devido às vitórias das forças progressistas no continente africano. Reflecte também o esforço de transformar este continente em simples fornecedor de matérias-primas e de mão-de-obra barata para as sociedades transnacionais.

ESFORÇOS DE UNIFICAÇÃO

No domínio das comunicações, muitos países do continente africano desejam reforçar a sua soberania solicitando a instauração de uma nova ordem internacional de informação. «Só quando os países em desenvolvimento alcançarem o mesmo direito de opiniões na troca mundial de informações, será possível falar-se de um desenvolvimento real. A descolonização de informação transfor-

mou-se numa das tarefas principais dos países em desenvolvimento...», escreve o diário tanzaniano «Daily News». Por outro lado, como fez notar o presidente da Organização Internacional de Jornalistas, Kaarle Nordenstreng, «o fluxo de informações que vão dos países capitalistas para os países em desenvolvimento ultrapassam o centuplo das informações que vão em sentido contrário!»

Nessas circunstâncias, os Estados africanos independentes que procuram alcançar a sua soberania, estimam que é indispensável a adopção de medidas que possam atenuar a dependência dos meios de informação nacionais em relação ao Ocidente. Como os países africanos sabem que é relativamente difícil de se operar mudanças a título individual, procuram unir os seus esforços no domínio do desenvolvimento da informação.

Essa unidade foi sublinhada por diversas vezes nas diversas cimei-

ras africanas, por exemplo no quadro da OUA. Neste âmbito, alimentaram-se muitas esperanças na PANA (Agência Panafricana de Informação). A ideia de criação de uma tal agência foi formulada pela primeira vez em 1961, na primeira Conferência dos jornalistas africanos em Bamakó. Os participantes nesta conferência haviam declarado: «Não podemos fornecer aos nossos povos informações verídicas se os monopólios de informação permanecerem nas mãos do Ocidente».

Em 1963, a ideia de criação da PANA foi concretizada na Primeira Conferência dos Chefes de Estado e do Governo dos países africanos em Addis Abeba, durante a qual foi apresentado o plano de fundação da mesma. A resolução sobre a criação da PANA é uma das primeiras resoluções (1963) da OUA. No mesmo ano, 29 países africanos criaram em Tunis a União das agências africanas de informação. Esta união estava encarregue de elaborar planos para a criação de uma agência de imprensa única para toda a África.

Em 1969, a 12.ª sessão do Conselho de ministros da OUA sublinhou igualmente a importân-

RASD—O coroar de um processo

O povo saharauí comemora na sequência-feira o sétimo aniversário da proclamação do seu Estado. Com efeito, faz nessa data sete anos que a Frente Polisário, vanguarda revolucionária daquele povo em luta, proclamava ao mundo, num acto histórico, a existência de mais um Estado soberano e independente que viria juntar-se ao rol de países africanos independentes.

Uma «realidade inegável e palpável», nas palavras do seu representante em Bissau, por ocasião do sexto aniversário, o ano passado, a República Árabe Saharaui Democrática seria de imediato reconhecida por grande parte do mundo, facto que constitui como que um aval para a sua integração no

seio da nossa organização regional, a OUA e, consequentemente, ser reconhecido como membro de pleno direito da ONU.

UM ACTO DE JUSTIÇA

Questão controversa, a admissão da RASD no seio da Organização da Unidade Africana geraria discordância entre as diversas facções surgidas dentro do fórum africano, a ponto de servir de pretexto para o adiamento da 19.ª Cimeira de Chefes de Estado, em Agosto do ano passado, em Trípoli, capital da Líbia. A falta de «quórum» ora verificado, traduzia assim a discordância de certos países quanto à admissão do jovem Estado como membro

efectivo e de pleno direito da organização.

Na opinião do embaixador Hamdi Buecha, a admissão da RASD na OUA traduz um «acto de homenagem à luta heróica e à legitimidade do combate do povo saharauí», combate esse ligado às outras lutas de libertação levadas a cabo no continente, e para as quais a «OUA foi um meio e uma arma eficaz para a libertação total da África».

Por seu turno, Ould Salek, responsável pelas relações exteriores e membro do Bureau Político da Frente Polisário, em declaração à Imprensa, feita em Trípoli, aquando da Cimeira da OUA, justificaria a «decisão soberana e voluntária» da RASD em se retirar dos trabalhos daquele fórum co-

mo forma de «contribuir grandemente para o reforço da OUA» e demonstrar a sua capacidade, na qualidade de membro, em «assumir plenamente a sua responsabilidade». O representante saharauí exortou, em contrapartida, aos outros Estados membros a «assumirem as suas responsabilidades».

UM PROCESSO IRREVERSÍVEL

A luta do povo saharauí, desencadeada desde fins de 1975, depois da expulsão do colonialismo espanhol, tem vindo a ganhar novas proporções, traduzindo-se na conquista de posições estratégicas e o que é fundamental e decisivo, na consolidação das estruturas de um

Estado criado em condições particularmente difíceis como o é a RASD.

Para os responsáveis saharauí, a tarefa mais importante neste momento é a satisfação das necessidades da população, o que passa necessariamente pela instalação de instituições e de aparelhos estatais, com particular acento nos domínios da educação, saúde e justiça.

Fazendo ponto da situação, o representante saharauí informou que os anos de independência se traduzem pelo reforço das fileiras do Partido e do exército, pela libertação total do país com excepção de algumas grandes cidades costeiras, pela instauração de um equilíbrio militar dinâmico.

Sandino

Cesar Augusto Sandino, o dirigente nacionalista nicaraguaio, cujo nome foi retomado pelas forças de resistência nicaragua que derrubaram o regime da família Somoza, foi assassinado há precisamente 30 anos.

Sandino foi morto traído, em 21 de Fevereiro de 1934, por ordem do então presidente Anastácio Somoza, avô do chefe deposto em 1979 pelas forças sandinistas.

Nascido em 18 Maio de 1895, de uma família de agricultores nicaraguaí, Sandino trabalhou entre 1923 e 1926 em empresas petrolíferas norte-americanas no México.

Regressado ao seu país, ingressou numa mina de ouro de San Albino, também propriedade dos Estados Unidos.

Foi nessa altura que rebentou uma revo-

Informação

a de uma tal agência. a recomendou a criação no mais curto espaço de tempo de um comité especial, com a participação dos ministros de Informação e da Comunicação dos países membros da OUA, com este encarregue da realização prática do desejo dos países africanos de criar uma Agência Panafricana. Entretanto, muitos anos haviam de passar para que a questão da criação da PANA fosse tomada de novo na ordem do dia dos debates dos representantes máximos da OUA, na ilha Maurícia, em 1976. Um ano mais tarde em Kampala (Uganda), reuniu-se a primeira Conferência dos Ministros de Informação dos países africanos, que propuseram discutir esta questão em detalhe.

OBSTÁCULOS À CRIAÇÃO DA PANA

Há várias razões pelas quais a criação da PANA foi retardada, mas rataram-se sobretudo de razões de ordem financeira. As pressões das grandes agências do Ocidente, segundo as quais a criação de uma agência panafricana representava uma ameaça ao monopólio de difusão das informações em África. E por isso jogaram um certo papel.

projectos da fundação da PANA demonstraram que todos os países da África não tinham uma concepção unitária dos objectivos e dos direitos dessa agência. Entretanto, os participantes da Conferência de Kampala tinham sido unânimes em declarar que essa agência devia ser independente em relação aos centros de propaganda ocidentais, e que as suas actividades deviam basear-se em questões «de interesse para todos os governos e nações deste continente».

A estrutura da PANA adoptada em princípio pelos participantes nessa mesma conferência, previa a criação de um aparelho central da agência e de vários departamentos regionais, que estariam em contacto permanente com os serviços de informação nacionais dos países africanos. Pretendia-se que essas informações fossem difundidas em três línguas — inglês, francês e árabe. Os participantes da Conferência de Kampala, sublinharam que a criação da agência PANA poria termo ao monopólio dos serviços de informação estrangeiros, que deformam os factos relativos aos acontecimentos em África dando-lhes a sua própria interpretação.

Os debates sobre os

Assassinado há 49 anos

do Partido Liberal contra o Partido Conservador no poder.

Na mina de San Albino, Sandino e os seus colegas, iniciou a resistência à ditadura.

A ideologia que comandou a resistência nicaraguaia de então era fundamentalmente nacionalista e o programa de Sandino centrava-se na defesa da soberania nacional, autodeterminação, restauração da constituição e reforma agrária.

Durante sete anos, Sandino, apoiando-se fundamentalmente nas populações e equipando-se com o armamento capturado ao inimigo, resistiu às forças inimigas.

Sandino desejava acima de tudo a paz e, em 21 de Fevereiro de 1934, aceitou avistar-se com o então presidente Sacasa, na presença do chefe da Guarda Nacio-

nal, Anastasio Somoza, para a assinatura de um acordo de paz.

A saída dessa reunião, Sandino e os generais Estrada e Umanzor, que o acompanhavam, foram assassinados à traição.

Num outro ponto da cidade, a Guarda Nacional nicaraguaia abateu no mesmo dia um irmão de Sandino — Socrates — e na mesma madrugada 300 homens, mulheres e crianças, surpreendidos durante o sono, foram chacinados no acampamento sandinista de Wiwili.

Na altura, o nome de Sandino teve um forte impacto em todo o mundo.

Finalmente, a partir de 1962, vários grupos de resistência nicaraguaia reuniram-se formando a Frente Sandinista de Libertação Nacional, que tomou o poder em 1979 à família Somoza.

Alcool e droga (II)

Uma ameaça à saúde pública

O Nô Pintcha inicia hoje a publicação de uma série de artigos sobre o consumo do álcool e de drogas e seus efeitos numa sociedade.

Deste modo, a par de resultados conseguidos pela Secção de Narcóticos e Drogas da Polícia de Investigação Criminal, na sequência da «Operação Grande-Hotel» que, conforme noticiámos na nossa edição de quarta-feira passada, resultou na detenção de 16 elementos implicados no tráfico e consumo de droga, incluímos alguns esclarecimentos, extraídos da revista A Saúde no Mundo sobre aspectos da situação mundial provocada pelo uso dessas substâncias.

Tais artigos terão referências, aos vários programas desenhados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no sentido de ajudar os Estados membros a conter a propagação dos problemas relacionados com o uso do álcool e das drogas no seio da sociedade, particularmente na camada juvenil.

Desde tempos imemoriais, tem a humanidade manifestado prazer em consumir substâncias que afectam o estado mental. Uvas fermentadas, suco de certas bagas, cogumelos que contêm alucinógenos, folhas de certas plantas — essas fontes vegetais de euforia foram descobertas e exploradas por

fossem toleradas e até veneradas como «loucos sagrados».

Hoje, podemos concordar que muitas dessas drogas — mas não todas — quando usadas apropriadamente, não são perniciosas em si mesmas. Assim é que derivados da papoila da qual se extrai o ópio, co-

é universalmente reconhecido como uma ameaça à saúde pública.

Ano após ano, uma grande proporção dos leitos hospitalares é ocupada por vítimas físicas e mentais da dependência do álcool. A esses sofrendores há que acrescentar os incontáveis milhares que ficam aleijados em vários tipos de acidentes, e especialmente os de trânsito, directamente causados pela embriaguez ao volante. Na verdade, poucos são os países onde as estatísticas de trânsito retratam efectivamente as reais dimensões desse problema.

Há milénios que se usa o ópio em certas partes da Ásia como meio de escapar para um mundo irreal feito de sonhos. Uma vanguarda rebelada contra o conformismo o adoptou no mundo ocidental há coi-

rias denominações, tais como cânhamo da Índia, haxixe, ganja, erva, maconha e marijuana) e o fumo — plantas comumente usadas por sua acção estimulante ou tranquilizante — podem, na aparência, consequências menos prejudiciais a curto prazo, mas seus efeitos a longo prazo sobre a saúde estão a causar cada vez maior preocupação à ciência médica. Todas essas diversas substâncias ditam um «comportamento social» próprio. Por isso, esse problema global compreende muitos sub-problemas que são específicos de certos países, regiões ou culturas.

Nos casos particulares do álcool, do fumo e da heroína, os aspectos puramente de saúde pública parecem ter sido levados no roldão de gigantescos interesses comerciais — aberta e



diferentes culturas, seja para fins religiosos ou cerimoniais, seja como uma «amenidade» da vida, seja como parte rotineira da dieta.

Em algumas comunidades, o uso dessas substâncias era cercado de tabus próprios. O acesso a elas podia ser, talvez, reservado a uma alta hierarquia sacerdotal, ou diferentes camadas da sociedade podiam ter as drogas de sua preferência particular. Mas o uso excessivo, ou, por outra, o abuso dessas substâncias teria sido geralmente reconhecido, ainda que em certas comunidades as vítimas da dependência de drogas

mo a codeína e a morfina, são valiosos elementos da farmacopéia, e é facto que ambas estão na lista modelo de Medicamentos Essenciais da OMS.

DO USO MODERADO AO VÍCIO

Mas o que acontece quando o uso moderado ou medicamento controlado dá lugar ao uso excessivo e ao vício? O álcool, sob a forma de bebida destilada ou fermentada, originária de uma enorme variedade de plantas, é o mais óbvio exemplo de droga capaz de alterar o ânimo da pessoa e cujo abuso

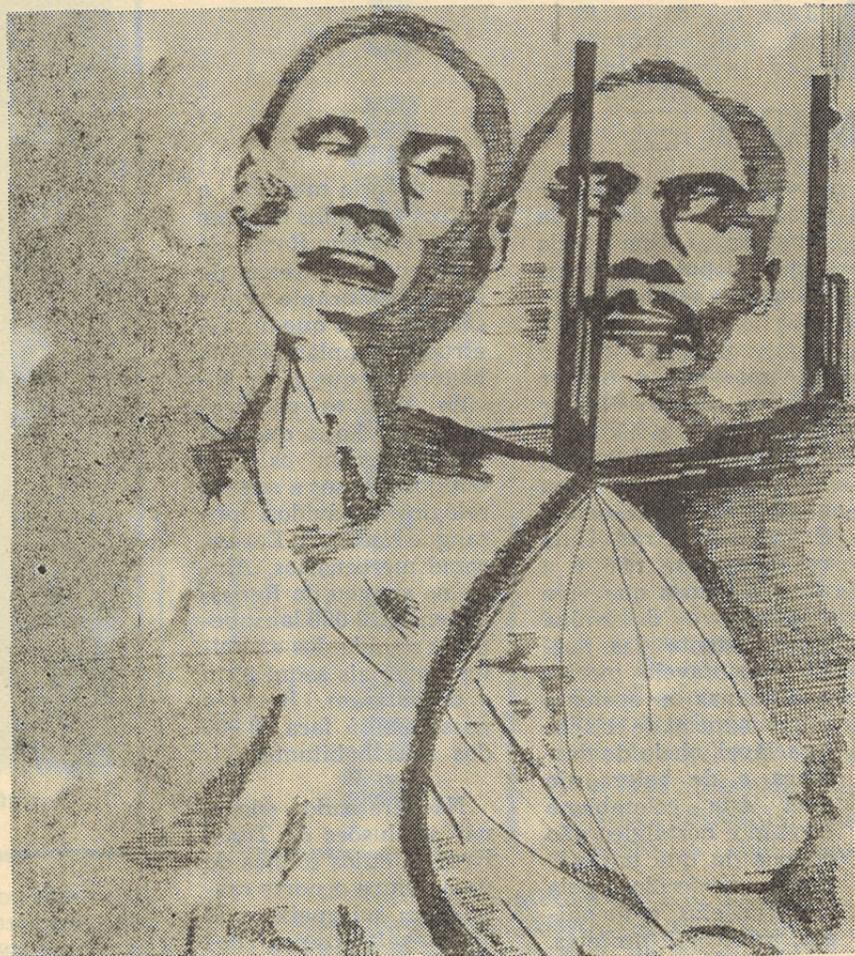
sa de 20 anos. Hoje, o seu mais sinistro derivado, a heroína, é o flagelo de jovens desafortunados em todas as partes do mundo, impelindo-os para o resvalado caminho do vício, do crime e da morte em condições sórdidas. Os «cogumelos mágicos», de há muito conhecidos em algumas comunidades mexicanas, puseram os experimentadores na trilha de substâncias alucinógenas como mescalina e a dietilamida de ácido Lisérgico (LSD).

UMA PREOCUPAÇÃO DA CIÊNCIA MÉDICA

A coca, a cata, a canábica (conhecida por vá-

competitivamente nos dois primeiros casos, a contrapelo das leis de combate ao contrabando no caso heroína.

Hoje, está claramente provado que o nível de consumo de álcool numa sociedade é directamente relacionado com os efeitos perniciosos que tem sobre aquela sociedade e sobre o indivíduo. A gravidade do problema de consumo de todos os tipos de estimulantes varia consideravelmente em diferentes contextos, e para aumentar a sua complexidade, os padrões de consumo podem ser por vezes transferidos de uma para outra cultura.



A poesia guineense

A poesia guineense está de parabéns!

Após o livro de Vasco Cabral (A luta é a minha Primavera) e de Helder Proença (Não posso adiar a palavra) editados em Portugal, surge agora «Longo Caminho» de autoria de Carlos Silva, um jovem guineense, que acaba de ser editado em terras de Angola pela Brigada Jovem de Literatura.

Este caderno, que comporta 21 poemas, abre a colecção Pirilampo e traz até nós a mensagem quente e militante de um poeta «com esperança de um dizer — venceremos!...».

Encontrado na Antártida fóssil de mamífero

Uma equipa de cientistas norte-americanos fez a primeira descoberta, na Antártida, de um fóssil de mamífero terrestre. O fragmento de mandíbula é de um pequeno marsupial semelhante ao rato, pertencente à espécie dos Polidolopus. O chefe da expedição, William Zinsmeister, da Universidade Estadual de Ohio, informou que o fóssil remonta ao final do período Eoceno, há mais

de 40 milhões de anos. Já foram encontrados restos semelhantes na América do Sul e Austrália. Segundo o Dr. Zinsmeister, a confirmação da sua presença na Antártida constitui prova convincente de uma antiga suspeita dos cientistas de que os três continentes formavam, em certa época, uma única massa de terra, denominada Gondwanaland.



publicado pelo poeta Carlos Silva, é uma contribuição para o alargamento do espaço da poesia guineense, profundamente influenciada pelos acordes vermelho-sangue da nova aurora ditada pela vitoriosa luta de libertação, também caracterizada por Amílcar Cabral e o um acto de Cultura.

A poesia guineense. Ela está aí. Empenhada. Quente como o corpo-camponês remexendo a terra ávida de mãos para semear, como cantou um outro poeta guineense.

A nossa poesia!

A poesia guineense que teve na colectânea, (Mantilhas para quem luta) o marco inspirador, hoje, ganha força e dimensão. Escapuliu-se. Não conhece fronteiras. Rejeita o conformismo. Como diz C. Silva: **Somos no tempo, a esperança/o desafio do tempo.**

Urge dizer, que os contornos e a expressão vibrante que a nossa poesia assume, não estão desligados de toda uma acção cultural em curso. Cabe aqui, uma referência particular à recente criação da Associação de Artistas e Escritores da Guiné-Bissau, fruto amadurecido pelo processo revolucionário que permitiu libertar e pôr em evidência a capacidade criadora das nossas gentes.

«Longo Caminho», este primeiro trabalho

«Força poesia — dorme com o Povo e acorda com a madrugada».

Nesta hora de parabéns à poesia, revela-se oportuno um alerta. Um apelo. Um convite ao poeta, ao escritor, ao músico enfim, aos artistas em geral, para que ao trabalho empenhado e militante se alie a arte. O verbo responsável. Não adiar a palavra (recusa legítima e pertinente do poeta) mas, revesti-la de melodia — a melodia do Korá rimada com o som contagiante do nhanhero, ao compasso cadenciado do arado camponês farfalhando a terra...

— Há sempre um dia novo!

Somos nós

Hoje somos nós os teus poetas!
No exausto horizonte,
No estrangular das lágrimas,
Nesta tristeza que não se esconde;
Somos nós os teus poetas!
Discípulos das insídias,
Dos Venenos,
Somos nós o tão sábio Povo!
Mas,
Se lutar é querer,
Estrangularemos essas lágrimas,
Essa tristeza que não nos esconde,
Porque nós somos os Novos Poetas,
De olhos secos na madrugada de um dia novo!

Carlos Silva

No dia oito de Dezembro do ano findo, o escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez, Prémio Nobel de Literatura de 1982; dirigiu a toda a Europa, discursando na Academia Sueca, a mensagem «A solidão da América Latina», em que pedia aos europeus que deixassem de interpretar o continente americano segundo os seus próprios esquemas.

Es na íntegra o texto desse discurso do famoso escritor colombiano, autor de «Cem Anos de Solidão».

A SOLIDÃO DA AMÉRICA LATINA

★ Por GABRIEL GARCIA MARQUEZ

«António Pigafetta, um navegador florentino que acompanhou Magalhães na primeira viagem à volta do mundo, escreveu, de passagem pela nossa América meridional, uma crónica rigorosa que mais parece uma aventura imaginada. Contou que tinha visto porcos com o umbigo nos lombos e pássaros sem patas cujas fêmeas chocavam os ovos nas costas do macho, e outros parecidos com alcatrazes sem língua e que tinham bicos em forma de colher. Contou que tinha visto um monstro animal com cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo, patas de porco e relincho de cavalo. Contou que puseram o primeiro nativo que encontraram na Patagónia em frente de um espelho, e que aquele gigante congestionado perdeu o uso da razão pelo pavor de olhar a sua própria imagem.

Esse livro breve é fascinante no qual já se vislumbram os germes das nossas novelas de hoje, está longe de ser o testemunho mais assombroso da nossa realidade daqueles tempos. Os cronistas das Índias deixaram-nos muitos outros. Eldorado, o nosso país ilusório tão cobiçado figurou em mapas numerosos durante largos anos mudando de lugar e de forma segundo a fantasia dos cartógrafos. A procura da fonte da eterna juventude, o mítico Alvar Nuñez Cabeza de Vaca explorou durante oito anos o norte do México, numa expedição lunática cujos membros se comeram uns aos outros, só chegando cinco dos seiscentos que começaram. Um dos tantos mistérios que nunca foram desvendados é das 11 000 mulas carregadas com cem libras de ouro cada uma, que um dia saíram do Cuzco para pagar o resgate de Atahualpa e nunca chegaram ao seu destino. Mais tarde, no período colonial, vendiam-se em Cartagena das Índias galinhas criadas em terras de aluvião e em cujas moelas se encontravam

pequenas pedras de ouro. Este delírio áureo dos nossos fundadores perseguiu-nos até há pouco tempo. Ainda no século passado a missão alemã encarregada de estudar a construção de uma linha férrea inter-oceânica no istmo do Panamá, concluiu que o projecto só era viável na condição de que os carris não se fizessem de ferro, metal escasso na região, mas em ouro.

A independência do domínio espanhol não nos pôs a salvo da demência. O general António Lopez Santana, que foi três vezes ditador do México, mandou enterrar com funerais magníficos a perna direita que perdera na chamada Guerra dos Pastéis. O general Gabriel Garcia Morena governou o Equador durante dezasseis anos como um monarca absoluto, e o cadáver foi velado em uniforme de gala e couraça de condecorações sentado na cadeira presidencial. O general Maximiliano Hernández Martínez, o déspota de Teósofo de El Salvador que fez exterminar numa bárbara matança 30 000 camponeses, tinha inventado um pêndulo para averiguar se os alimentos estavam envenenados, e mandou cobrir com papel vermelho a iluminação pública para combater uma epidemia de escarlatina. O monumento ao general Francisco Morazan, erguido na praça principal de Tegucigalpa, é na realidade uma estátua do marechal Ney comprada em Paris num depósito de esculturas usadas.

Há onze anos, um dos mais insígnies poetas do nosso tempo, o chileno Pablo Neruda, iluminou com a sua palavra esta realidade. Nas boas consciências da Europa, e às vezes também nas más, irromperam desde então, ainda com mais ímpeto, as notícias fantasmáticas da América Latina, essa imensa pátria de homens alucinados e mulheres históricas, cuja parcimónia infinita se confunde com a lenda. Não tivemos um

instante de sossego. Um presidente prometeico entrincheirado no seu palácio em chamas morreu combatendo sozinho contra todo um exército, e dois desastres aéreos suspeitos e nunca esclarecidos ceifaram a vida de um outro com bom coração, e a de um militar democrata que tinha restaurado a dignidade do seu povo. Houve cinco guerras e dezasseis golpes de Estado, e surgiu um ditador luciferino que em nome de Deus realizou o primeiro etnocídio do nosso tempo na América Latina. Entretanto, vinte milhões de crianças latino-americanas morriam antes de fazerem dois anos, que são mais de quantas nasceram na Europa desde 1970. Os desaparecidos por causa da repressão são quase 120 000, que é como se hoje não se soubesse onde estão todos os habitantes da cidade de Upsala. Numerosas mulheres grávidas presas deram à luz em cadeias argentinas, mas ainda se ignora o paradeiro e a identidade dos seus filhos, que foram dados em adopção clandestina ou internados em orfanatos pelas autoridades militares. Por não quererem que as coisas continuem assim morreram 200 000 mulheres e homens em todo o continente, e mais de 100 000 pereceram em três pequenos e voluntariosos países da América Central: Nicarágua, El Salvador e Guatemala. Se isto fosse nos Estados Unidos, a cifra proporcional seria de 1 600 000 mortes violentas em quatro anos.

Do Chile, país de tradições hospitaleiras, fugiu um milhão de pessoas: 10% da sua população. O Uruguai, pequena nação de dois milhões e meio de habitantes, que se considerava como o país mais civilizado do continente perdeu no desterro um em cada cinco cidadãos. A guerra civil em El Salvador causou desde 1979 quase um refugiado em cada vinte minutos. O país que se poderia fazer com to-

dos os exilados e emigrados forçados da América Latina teria uma população mais numerosa que a Noruega.

Atrevo-me a pensar que foi esta realidade desconhecida, e não só a sua expressão literária, que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca das Letras. Uma realidade que não é a do papel, mas que vive connosco e determina cada instante das nossas incontáveis mortes quotidianas e sustenta um manancial de criação insaciável, cheio de desgraça e de beleza, do qual este colombiano errante e nostálgico não é mais do que um número preferido pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandrins, todas as criaturas daquela realidade desmedida tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o maior desafio para nós foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar credível a nossa vida. Este é, amigos, o nó da nossa solidão.

Pois se estas dificuldades nos entorpecem a nós, que somos da sua essência, não é difícil entender que os talentos racionais deste lado do mundo, extasiados na contemplação das suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para nos interpretar. É compreensível que insistam em medir-nos com a mesma vara com que se medem a si mesmos, sem se lembrarem que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como o foi para eles. A interpretação da nossa realidade com esquemas alheios só contribui para nos tornar cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. Talvez a Europa venerável fosse mais compreensiva se tentasse ver-nos no seu próprio passado. Se se lembrasse que Londres precisou de trezentos anos para construir a

sua própria muralha e outros trezentos para ter um bispo, que Roma se debateu nas trevas da incerteza durante vinte séculos antes que um rei etrusco a implantasse na história, e que já no século XVI os pacíficos suíços de hoje, que nos deleitam com os seus queijos mansos e os seus relógios impávidos, ensanguentaram a Europa como mercenários. Ainda no apogeu do Renascimento, 12 000 lansquenets a soldo dos exércitos imperiais saquearam e devastaram Roma e passaram à faca 8 000 dos seus habitantes.

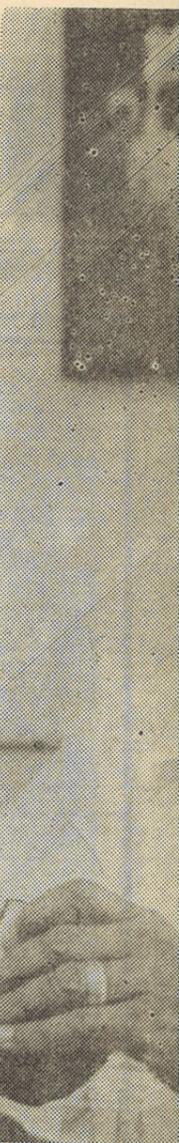
Não pretendo encarnar as ilusões de Tonio Kroner, cujos sonhos de união entre o norte e o sul apaixonado eram exaltados por Thomas Mann há 53 anos neste mesmo lugar. Mas creio que os europeus de espírito clarificador, os que lutam também aqui por uma grande pátria mais humana e mais justa, poderiam ajudar-nos muito mais se reformulassem assim a fundo a sua maneira de nos verem. A solidariedade com os nossos sonhos não nos fará sentir menos sós, enquanto não se concretizar em actos de respeito legítimo pelos povos que assumam a ilusão de terem uma vida própria na repartição do mundo.

A América Latina não quer nem tem de ser um bispo sem alvedrio, nem tem nada de quimérico que os seus desígnios de independência e originalidade se convertam numa aspiração ocidental. Não obstante, os progressos da navegação, que reduziram tantas distâncias entre as nossas américas e a Europa, parecem ter aumentado, em troca, a nossa distância cultural. Porquê a originalidade que se nos admite sem reservas na literatura, nos é negada com toda a espécie de suspicacias no que diz respeito às nossas tentativas, tão difíceis, de mudança social? Por que pensar que a justiça social que os europeus tentam impor nos seus

países não pode ser também um objectivo latino-americano com métodos diferentes? Não: a lência e a dor desarradas da nossa história são o resultado de instituições seculares e aguras sem conta, e uma confabulação da a 3 000 léguas de sua casa. Contudo, os dirigentes e pensadores europeus acreditam nisso, com o infantil dos avós que esqueceram as loucuras frutíferas da sua juventude como se não fosse possível outro destino que ver à mercê dos grandes donos do mundo. Este é, amigos, o manho da nossa solidão.

Face à operação, saque e ao abandono, nossa resposta é a v. Nem os dilúvios, nem pestes, nem as fomes nem os cataclismos, sequer as guerras e as através de séculos e séculos corrigiram a vantagem tenaz da sobre a morte. Uma vantagem que aumenta e acelera: em cada ano mais 74 milhões de cimentos que de obri uma quantidade de vos vivos que correspondem a qualquer como aumentar setezes por ano a população de Nova York. A parte deles nasce países com menos cursos, e entre estes da América Latina.

O escri



UMA OBRA UNIVERSAL

Vasco Cabral fala de Guillen



Nicolas Guillen

nas auroras que despontam dos horizontes da luta e permanecem rubras do sangue e das lágrimas vertidas no caudaloso rio popular dos combatentes anónimos, dos heróis e mártires que, com a sua abnegação, com a sua grandeza com o seu sacrifício constroem um futuro melhor para toda a Humanidade.

Guillen é o grande poeta no qual o pensamento e a acção estão intimamente associados e cuja posição estética complementa, através das formas de expressão artística, a sua posição ideológica. Homem simples, ligado ao povo, servindo o povo, amando o povo, Guillen como intelectual, como escritor e poeta de rara qualidade contribuiu de uma forma decisiva para desmistificar a falsa cultura e descolonizar as mentalidades. A sua arte é uma arte engajada. De forma alguma, Guillen é o cultor da arte pela arte. A sua criação artística não é um luxo do espírito. Ela é uma afirmação, uma resposta à vida, uma

pulares, despertar a sua consciência colectiva, dar a conhecer a verdade, contribuir para a luta em defesa da vida e dos padrões mais elevados da dignidade e da personalidade humanas e que traduzem as aspirações mais profundas dos povos.

A luta e a revolução, criam novas oportunidades para os escritores, poetas, músicos e artistas. Isto é um facto comprovado pela história tanto a do passado como a dos nossos dias. Por outro lado, e como disse lapidariamente o grande e infatigável obreiro da Revolução Cubana, o Comandante em Chefe Fidel Castro: «Arte é uma arma da Revolução».

E Fidel tem razão. Por isso mesmo, os intelectuais, os escritores, poetas e artistas têm o dever e o direito de usar essa arma, de torná-la operativa, de lutar com ela por um mundo melhor, ou seja um mundo de paz e do progresso por um mundo liberto da abominável exploração do homem pelo homem.

A actividade artística e criadora deve inserir-se no quadro de uma estratégia cultural da Revolução que, como o exprimiu Armando Hart: «tenha em vista propiciar um amplíssimo movimento popular em volta da cultura e fazê-lo de tal forma que facilite o rigor e a exigência estética e a mais ampla liberdade criadora das massas e dos escritores e artistas surgidos delas» (fim de citação).

A justo título é Nicolas Guillen considerado o Poeta Nacional de Cuba, não só pela riqueza de conteúdo da sua poesia mas também pela expressividade e beleza da sua forma, pela

importância da sua mensagem popular de carácter nacional, enraizada nas mais profundas aspirações e sentimento do povo cubano. Mas a obra de Nicolas Guillen adquiriu também uma dimensão continental e levada pelo sopro quente e primaveril do amor, da fraternidade e da esperança, chegou até às terras distantes de outros Continentes, conquistou o pensamento e o coração de outras gentes, para se tornar universal.

Música e poesia, poesia e música, encontram-se fundidos no metal da sua criação artística numa harmoniosa simbiose.

Guillen, para além de grande poeta é também um excelente jornalista e um fino e perspicaz ilustrador de algumas das suas obras. Ele próprio afirmou dessa outra faceta da sua personalidade: «Como ocorre en todos los poetas, el dibujo tiene en mi un carácter liberador».

Numerosas poesias de Guillen foram musicalizadas em todos os géneros da música, utilizando os compositores as mais variadas técnicas, que vão desde as formas populares, «guaracha» ou canções afrocubanas, até às sinfonias ou à música incidental. E pode-se mesmo afirmar, sem receio de errar, que serão raros os poetas que tiveram tantas obras musicalizadas como Guillen.

A criação artística de Guillen está eivada de humanismo, onde também perpassa um sopro de dor e de tristeza pela quantas vezes trágica condição humana dos pobres, dos deserdados e dos explorados. As figuras dos seus poemas são autênticas

criaturas de carne e osso.

A poesia de Nicolas Guillen é, aliada a uma grande beleza, uma poesia de combate, uma poesia de denúncia e de protesto, embora também sendo uma poesia de amor e fraternidade.

No movimento literário e artístico que caracterizou a etapa da luta contra as ditaduras de Machado e de Batista e contra o imperialismo, a voz mais valiosa, assim como a mais universal que apareceu no processo de movimento poético «afrocubano» foi a de Nicolas Guillen, com a sua bela e luminosa «poesia mulata». No seu tempo, essa poesia, pelo seu carácter e natureza produziu escândalo. Mas o certo é que ela se impôs e se tornou como que uma bandeira do poeta, penetrando inexoravelmente no espaço e no tempo.

Nicolas Guillen, apesar de os seus versos correrem nas estrofes soltos como as águas de um rio, é um trabalhador paciente da forma, de gestação demorada. Por exemplo, o magnífico poema «Elegia a Jesus Menendez» foi, finalmente, o resultado de 3 anos de trabalho. O que demonstra, aliás, que Guillen é um artista que, embora manejando soberbamente os instrumentos de que se serve, é exigente para consigo mesmo e pela qualidade da sua obra.

Da projecção universal da sua obra fala eloquentemente a circunstância de esta ter sido traduzida em cerca de quarenta idiomas e de o poeta ter recebido prémios, honras e galardões em diferentes países do mundo e em diversos Continentes.

(Continua na Pág. — 4)

O «Bambaram» oferece aos seus leitores o texto integral da palestra proferida pelo Poeta Vasco Cabral, membro do Bureau Político do PAIGC.

O acto decorreu em Bissau, por ocasião da sessão de homenagem ao poeta cubano Nicolas Guillen em comemoração do seu 80º aniversário natalício.

Pensamos que faltariam a um dever de amizade e camaradagem, se, por ocasião da visita ao nosso país do «companheiro» Juan de Almeida Bosque, revolucionário consequente, mas também artista de comprovado e reconhecido mérito, não prestássemos, ao menos, uma simples e sincera homenagem ao poeta nacional cubano, Nicolas Guillen, no ano da celebração do seu octogésimo aniversário, não só em Cuba mas igualmente em diversos países e continentes.

Esta homenagem a Guillen simboliza no fundo a homenagem que queremos prestar a todos os intelectuais consequentes, escritores, poetas, músicos e artistas de Cuba Revolucionária, de Cuba de Fidel, de Camilo e de «Chê».

A obra de Nicolas Guillen traduz de uma forma clara e convincente a sua posição de homem revolucionário, de partidário da paz, de humanista lírico profundamente enraizado no que há de melhor da autêntica tradição cultural afro-cubana, mas sempre com os olhos postos

resposta à necessidade de conhecimento e de educação popular: é o pão do espírito e a luz da beleza e da harmonia no despertar dos sentidos.

Guillen se integra naquela pleiade de escritores e artistas para quem a literatura e a arte tem como missão humanizar o homem, educar a sensibilidade e o gosto das massas po-



Kansala - *Um projecto de pesquisa* (2) (Por Carlos Calado)

Tendo consciência de que a população do Império Mandinga lhe era quase três vezes superior, o chefe do exército Fula, Almami Umaro, havia preparado o seu grupo de combate durante três anos consecutivos. O emissário, enviado a Kansala três meses antes do ataque decisivo, levava uma ameaça por parte dos Fulas: ou os mandingas animistas se convertiam à religião muçulmana ou eles iam a Kansala acabar com toda a população.

O Imperador mandinga, Djanké Wali, conhecido em toda a região pela sua valentia e pela sua tirania, não temeu o aviso. Exasperado e colérico, respondeu que os Fulas podiam ir a Kansala e acabar com toda a população, mas que dali, ninguém se converteria ao Islão sob as ordens dos Fulas seus escravos.

O Imperador disse ainda que se os Fulas fossem a Kansala, ele nem precisaria de avisar os seus administradores provinciais que, segundo as leis políticas do Império, teriam o dever de acorrer com os seus exércitos privados ao local de combate. Num tirada heróica, Djanké Wali acrescentou que, num caso desses, os Fulas que voltassem para o Futa-Djalón seriam apenas os que não tivessem chegado a Kansala.

Dois meses antes da batalha, o Imperador mandou cercar a paliçada do castelo de Kansala com uma vala cuja profundidade ultrapassava os dois metros, e com uma largura superior a três metros. Esta vala — que se encheu com palhas de milho preto que, ao queimar, parecia não ter fogo — serviria de anta a milhares de combatentes Fulas, que dentro dela caíram antes da entrada do exército no interior da paliçada.

Os espões eram enviados de Kansala a uma aldeia Fula ali perto, para se inteirarem da dimensão do exército Fula que assentara acampamento na zona, voltando espantados com a grande quantidade de guerreiros inimigos, que se preparavam para o ataque com cerca de 32 000 homens armados, dos quais 7 000 cavaleiros.

Desencorajado com a desproporção numérica em relação ao seu exército, composto de não mais de 6 000 homens, o rei quis render-se, mas a isso se recusou a rainha, numa histórica atitude de heroísmo, dizendo que preferia morrer do que tornar-se escrava dos Fulas. Isso deu nova coragem aos sitiados mandingas em Kansala.

Nessa alutra, havia mais de uma semana que não se podia sair do palácio real porque os soldados de Futa Djalón o tinham cercado. Porém, perante as palavras encorajadoras da rainha, o mansa (rei) Djanké Wali decidiu resistir até à morte.

Assim, mandou colocar dinamites e pólvora em todos os locais do palácio e na manhã do dia da batalha, mandou o próprio filho, de cavalo, a confirmar a expressão numérica do exército fula.

Este regressou e, à frente do rei apanhando duas mãos cheias de areia, disse que os fulas a enfrentar eram tantos como os grãos de areia, de modo que seria melhor fugirem. O rei cortou ali mesmo a cabeça do rapaz com a sua espada, dizendo que ele não tinha nenhum direito a fugir da guerra, e muito menos com os fulas.

O rei mandou a seguir um sobrinho seu, de nome Dembo, que a cavalo foi executar a mesma missão. Este, vendo que os fulas eram em tão grande número que não caberiam dentro da paliçada, decidiu diminuí-los no caminho. Teria ali mesmo morto uma quantidade incalculada de fulas, até a espada se lhe ter colado à mão com o sangue.

Chegando depois à frente do rei, disse: «Tio é só pegarmos teso porque os fulas são 100 vezes mais do que nós e eu não quero ser escravo dos fulas como o prova a espada da minha mão». O Imperador contentou-se com a acção do sobrinho e mandou ferver água para lhe descolar a mão da espada. Com as palavras deste rapaz, as raparigas de Kansala teriam começado a chorar, gritando: «Guerreiro é o tio, plano de guerra é com o tio, mas eu não vou ser escrava dos fulas».

Quando os fulas atacaram, e depois de cheia a vala com os seus mortos e, finalmente, entraram para o interior da paliçada, Djanké Wali mandou fechar o portão e ordenou a explosão dos dinamites, dando assim início à batalha, gravada na memória mandinga como «Turuban» — fim da sementeira, ou fim de uma geração ou, mais alegoricamente, fim do mundo.

Combateu-se dentro e fora da paliçada dado

que para fora tinham saído soldados mandingas, a dar lutas aos fulas que não couberam no interior onde, segundo a tradição, os fulas eram tantos que não havia espaço para se combater. O rei dos mandingas exortara-os a não fugirem nem se renderem, nem que isso custasse a vida de todos.

Dirigiu-se depois, rindo, aos armazéns de pólvora, acompanhado do sobrinho e da mulher e, com o sobrinho de um lado e a mulher do outro, lembrou ali os compromissos que assumira na altura da sua eleição, entre os quais figurava a profecia de que seria o primeiro e último Imperador do Império do Gabú, pois, não ia admitir nenhuma derrota, nem interior nem exterior.

Depois de terminadas as palavras de Djanké Wali, o sobrinho pegou fogo aos montes de pólvora, reinando pouco depois o silêncio dentro do castelo. Assim se verificou, com este extermínio, o fim do Império do Gabú, onde os mandingas, inferiores em número e antecipadamente condenados ao fracasso militar, arrastaram para a mesma morte os combatentes fulas muito mais numerosos, optando por uma estratégia suicida e dramática.

«Este acontecimento» — esclarece o representante da tribo mandinga — «segundo as informações de vários cantores de Cõra (isto é, cantores que acompanhavam os reis nos seus combates), deu-se numa madrugada de 2.ª feira, provavelmente entre 1840 e 1865. Mas, eu inclino-me mais para o ano de 1865, em conformidade com alguns dados de velhos da minha tabanca». Acrescentou ainda que a destruição de Kansala se verificou 330 anos após a sua fundação, no 2.º quartel do século XVI.

(Continua)

Carlos Calado

Obra do escritor Can Themba redescoberta na África do Sul

«O Desejo de Morrer», uma das melhores obras do conhecido e talentoso escritor sul-africano, Can Themba, deixou de ser interdito na África do Sul.

Considerado um dos melhores escritores na descrição da esperança e desespero da vida cidadina negra do país, Themba centrou a sua antologia numa «vibrante e muitas vezes perigosa cidade-satélite de Joanesburgo», a Sophiatown, pouco antes de esta ter sido demolida para dar lugar a um moderno subúrbio de brancos.

A interdição, levantada em Agosto de 1982, 27 anos depois da demolição da Sophiatown e 13 da morte de Themba, permitiu o acesso aos livros do autor, até aqui proibidos pelas rígidas leis de censura do regime do apartheid.

Num trabalho publicado em 1950 pelo «Drum» (a primeira revista dedicada à população negra e cuja equipa passou a integrar, depois de abandonar o professorado, ao ganhar um concurso literário com um conto), Themba retrata a vida do subúrbio destruído, na mesma linguagem que utilizava para falar da degradação e humilhação que caracterizam o apartheid.

O autor, numa crónica intitulada «Irmãos em Cristo», tentou verificar se o espírito religioso da benevolência podia vencer a separação total estabelecida pelas leis do apartheid, tendo as respostas, na maior parte dos casos, sido um violento «Não».

«O seu conhecimento dos subúrbios negros de Joanesburgo era intuitivo, completo, mágico», afirma o editor de «Drum», referindo-se a Themba.

Vasco Cabral fala de Guillen

(Continuação das Cent.)

Cubanas) desde o ano distante da sua criação em 1961 até ao presente, prova bem e de forma indiscutível o seu elevado valor intelectual e humano: é o testemunho do imenso prestígio de que goza no seu país e da estima e dedicação que o povo confere à sua pessoa e do alto apreço em que se tem a sua obra.

Conheci Nicolas Guillen na década de 50, percorrendo a mesma estrada larga da luta pela Paz, que nos levou a estarmos nos mesmos lugares, a sentarmo-nos

nas mesmas mesas das Conferências internacionais. Eu era então um jovem que apenas começava. Guillen era já o revolucionário feito, o militante comunista que era também o poeta militante. Um Homem, na verdadeira ascensão da palavra, que me impressionou pela sua simplicidade, pelo elevado grau da sua consciência política, pelo «charme» da sua conversa, pela fina qualidade do seu «chiste», pela maturidade e profundidade das suas opiniões. No decorrer dos anos tornámo-nos amigos. E quando visitei Cuba, amiga e re-

volucionária, não deixou de ir em peregrinação ao «palácio» de Guillen — à sede da UNEAC — para o abraçar fraternal e calorosamente como um irmão grande, o irmão mais velho.

É para mim, pois, uma enorme alegria poder-vos falar de Guillen — o homem, o poeta, o revolucionário, o amigo, o irmão, o «avuelito», como alguns dos da minha geração lhe chamamos.

A simples homenagem que aqui prestamos hoje à grande e veneranda figura de Nicolas Guillen, de projecção uni-

versal, é um acto de obrigação dos intelectuais progressistas, dos escritores, poetas e artistas da Guiné-Bissau que o admiram profundamente como artista e poeta da nossa época e como revolucionário, defensor das mais justas causas a favor da emancipação dos povos, da liberdade, da Paz e do Progresso.

Grande amigo dos povos africanos, ele simboliza bem a amizade, a solidariedade e fraternidade, que são apanágio de Cuba Revolucionária, para com os povos em luta, e que se traduz pe-

la prática de um internacionalismo proletário, activo e militante.

O nosso povo, os nossos «guerrilheiros», as nossas crianças, os militantes do nosso Partido, desde os tempos da nossa gloriosa luta armada de libertação nacional, conhecem o valor desse internacionalismo, puderam ajuizar da sua justa medida e o que significou para nós esse precioso encorajamento e estímulo.

Hoje, a amizade, a solidariedade e a fraternidade que unem os povos da Guiné-Bissau e de Cuba, os nossos respectivos Partidos e Gover-

nos, é o fruto dessa situação passada. Vamos, pois, unidos, na luta comum e sem tréguas contra o imperialismo, contra o colonialismo, contra o racismo e outros grandes males da nossa época, estreitar cada vez mais os laços que nos unem e combater denodadamente na mesma trincheira em favor da Paz, em favor da Vida para realizarmos o grande sonho de Fidel e de Amílcar: a paz, a felicidade e progresso dos povos.

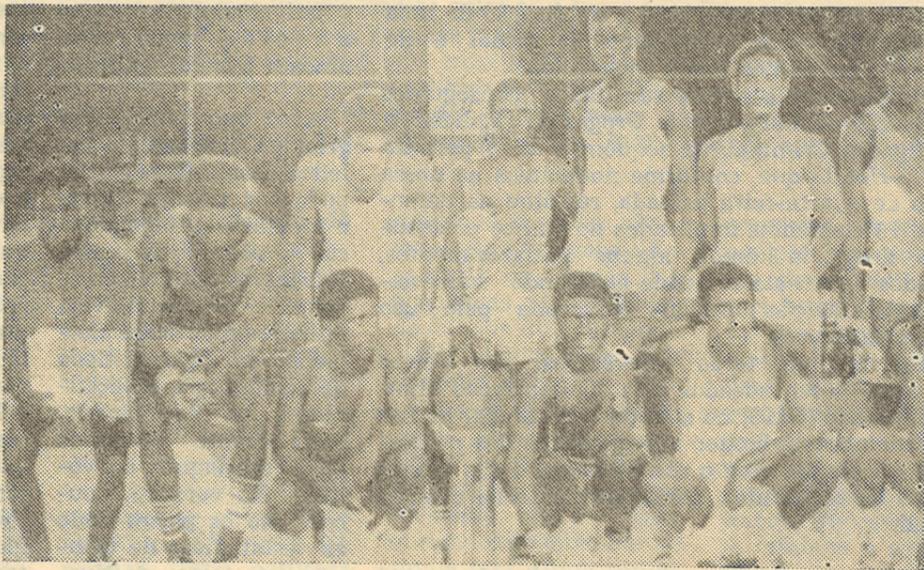
O facto de ser Nicolas Guillen, Presidente da UNEAC (União Nacional dos Escritores e Artistas

Torneio do BNG

"Casa Sport" mais uma vez presente

A convite do Banco da Guiné-Bissau, as formações femininas e masculinas do basquetebol de Casa Sport (Senegal) participaram no torneio desportivo daquela instituição bancária para a comemoração da sua fundação e da reforma monetária. As «madeiroiselles» bateram o misto de Bissau por 44-17 e, em masculino, as FARP perderam por 60-47. Jogos que em súmula indicaram falta de treino para os masculinos e a sangria verificada no basquete feminino.

Na equipa feminina apareceram muitas caras novas entre as quais destacamos Olga Casimiro e Mariana Mota, enquanto as veteranas Irene, Domingas e Fina acusaram a longa paragem. O «pressing» utilizado pelas «madeiroiselles» evidenciou ainda mais a falta de uma distribuidora exímia em dribles, já que Domingas é jogadora para este lugar. Também na tabela, as senegalesas (com maior estatura) foram superiores. Destacam-se entre as visitantes a actuação de Ndiaye, Atchade, Diattara e Dabo. Quanto às nossas jovens só um trabalho sério e progra-



A equipa masculina das FARP que defrontou o Casa Sport, do Ziguinchor, no Torneio do BNG

mado no mínimo as pode lançar para «altos voos», porque matéria-prima não falta. Esta missão, caso as entidades competentes não a assumir, poderá ser conduzida pelos próprios basquetebolistas masculinos que já têm mais experiência.

Entretanto, em masculino, as FARP deram uma boa réplica nos minutos iniciais, chegando a uma igualdade a 18 pontos, aos 12 minutos. A partir desta altura, a equipa visitante demonstrou todo o seu poderio

no jogo com os postes, chegando ao intervalo com o resultado de 32-18. Esta ascensão da equipa de Ziguinchor deveu-se não só ao mérito próprio, mas também a fraqueza dos militares com Carlos Morgado e Edgar Cruz (com muito jeito), e principalmente este, a perderem pontos e pontos debaixo do cesto, dando chance ao desarme dos defensores. Eduardo Ferrage começou bem, mas cedo «caiu» e Beto Rodrigues, um dos

melhores meia-distância do país, acusou falta de competição e o seu retraimento nos lances fez-lo perder alguns pontos. A equipa masculina do Casa Sport defrontou ontem à noite o BNG tendo a caravana regressado hoje ao Senegal.

Outros resultados do torneio: Futebol salão — final feminino BNG, 4-0 — Escola Amizade, 2 e ENEFD defrontou, ontem na final, o BNG, enquanto procedíamos ao fecho desta edição.

Jogos Olímpicos em Los Angeles pela segunda vez

Os melhores atletas do mundo encontrar-se-ão em Los Angeles para celebrar, de 28 de Julho a 12 de Agosto de 1984, o grande evento desportivo denominado Jogos Olímpicos. Os preparativos referentes a maior parte das instalações destinadas às competições já terminaram. O velódromo onde se desenvolverá as competições de ciclismo foi aperfeiçoado e uma nova piscina internacional (de prancha) encontra-se em construção na universidade de Califórnia.

Esta XXII Olimpíada de 1984 terá como palco a cidade de Los Angeles que é terceira cidade a ser contemplada pela segunda vez com os Jogos. A olimpíada de 1932 teve lugar nesta cidade californiana dos EUA. As outras duas foram Paris (1900 e 1924) e Londres (1908 e 1948).

Nesta olimpíada serão acrescentadas várias modalidades, entre as quais se destacam a maratona feminina, ciclismo feminino, natação sincronizada e ginástica rítmica.

A natação sincronizada e ginástica rítmica são consideradas modalidades estritamente femininas.

O «Ballet Aquático», como é por vezes denominada a primeira modalidade, é praticada em pares e é considerada como uma combinação de patinagem artística, de ballet e ginástica. A ginástica rítmica é caracterizada por uma graça e formosura fluida. Este desporto foi considerado modalidade olímpica em 1980, no plenário do COI (Comité Olímpico Internacional) reunido em Moscovo.

A propósito dos Jogos Olímpicos de 1984 e numa entrevista concedida à revista «Estrela em Movimento», Monique Berlioux, Directora do Comité Olímpico Internacional diria que estes jogos serão melhores do que os anteriores. «Beneficiamos dos que os outros fizeram, tentando evitar os seus erros e melhorar o que tinham de aproveitável (...). É um processo contínuo e suponho — diria a terminar — que os jogos que a seguirão serão melhores do que os de Los Angeles».

A Comissão olímpica do sul de Califórnia foi fundada em 1939 com o propósito de retornar

os Jogos para Los Angeles. Após várias tentativas conseguiu que o Comité Olímpico dos Estados Unidos desse o aval para que Los Angeles fosse designada cidade norte-americana para albergar mais uma vez os Jogos Olímpicos. Depois de contactos preliminares, a Comissão apresentou Los Angeles como candidato. Quando a data das inscrições foi encerrada depois da desistência de Teherão, Los Angeles tornou-se a única cidade com essa pretensão.

No entanto, seguiram-se meses de conversações entre o COI e Los Angeles para que se chegasse a um consenso sobre vários pontos cruciais. Ultrapassada a crise, foi criada a Comissão Organizadora dos Jogos Olímpicos de Los Angeles com o objectivo de organizar e realizar os XXII Olimpíada. Segundo as directrizes, a comissão funcionará como uma entidade particular sem laços com o Governo e os Jogos serão financiados pelo sector privado, sem subsídio do Governo ou corpo adicional no imposto. Para além disso, a filosofia desta organização, define que em todas as latitudes, o atleta será colocado em primeiro lugar e os Jogos não terão carácter «comercial».

IMPASSE NO FUTEBOL OLÍMPICO

O futebol olímpico encontra-se num impasse. Pois, numa entrevista publicada no diário parisiense «L'Equipe», o Presidente do COI, Juan António Samaranch, falando sobre o problema do futebol (participação de profissionais nas fases de eliminatórias e não em Los Angeles), afirmou que a proposta das Federações ocidentais (participação dos jogadores que não tenham participado em nenhum encontro do campeonato de Mundo) não é uma revolução. Mas — acrescentou — não me pronuncio sobre tal questão até a reunião de Lauserna, com a FIFA prevista, para 2, 3 e 4 de Março.

O problema deste impasse gira em torno do desejo dos países do leste europeu, segundo o qual apenas participam nos jogos, se as restantes formações não integrarem qualquer jogador que tenha rubricado um contrato profissional.

Taça Houphouët Boigny: Gâmbia qualificada

A equipa nacional de Gâmbia qualificou-se para a segunda volta da Taça Houphouët Boigny ao eliminar a Serra Leoa. Vencedores da primeira mão, em Freetown por 1-0, os gambianos foram derrotados em Banjul por 1-0. Recorrendo a marcação de grandes

penalidades, os gambianos marcaram nove contra oito dos serra-leoneses.

Nabi Banjura que aproveitou uma «oferta» da defensiva contrária marcou o gol serra-leonês. O próximo adversário da Gâmbia é o vencedor do jogo Guiné-Mali.

De salientar que o comissário a este encontro foi o nosso compatriota Gabriel Lobo de Pina, responsável pela secção técnica da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos.

TAÇA DE ÁFRICA DOS VENCEDORES

A formação de «Vital'O» de Burundi,

qualificou-se igualmente, mas para os 16 avos da final da Taça de África dos Vencedores das Taças, graças a uma vitória de 3-0 frente a Gormahia (Quénia), no jogo da segunda mão realizada em Nairobi. Em Bujumbura (Burundi), Gormahia venceu por 2-1.

Anúncios

MUDANÇA DE NOME

Nos termos do n.º 1 do Artigo 368.º do Código do Registo Civil, faz-se saber que Jorge da Silva, solteiro, de 18 anos de idade, natural de Bissau onde reside, filho de Augusto Fernandes e de Sábalozinho da Silva, requereu a alteração da Composição do seu nome fixado no assento de Nascimento para Jorge Fernandes.

São por isso convocados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no

prazo de 30 dias a contar da data de publicação deste Anúncio no Jornal («Nô Pintcha»).

Conservatória do Registo Civil, em Bissau, 10 de Fevereiro de 1983.

O Ajudante, Francisco Gomes Dias.

AGRADECIMENTO

Clara Monteiro Pimentel, mãe, esposa, irmãs, tios, cunhados e restantes familiares vêm por este meio agradecer

a todos que de um ou doutro modo os acompanharam na sua profunda dor pelo trágico desaparecimento do filho, marido, irmão, sobrinho, família, amigo e colega João Matias Monteiro Fortes Pimentel, ocorrido no dia 6 de Fevereiro de 1983.

AVISO

A Guitrans — Trânsitos e Serviços, de Luís Filipe Monteiro Duarte, com sede na Rua 12 de Setembro n.º 6-A, em

Bissau, informa os possíveis interessados e o público em geral, de que lhe foi concedida a representação da firma portuguesa Cinta — Construtora de Equipamentos Industrial e Agrícola, Ld.ª, especializado em projectos, instalações e fornecimentos de equipamentos para as indústrias ligadas à Agro-Pecuária.

Quaisquer esclarecimentos poderão ser prestados através do telefone 21 27 18 ou directamente nos escritórios da Guitrans.

Diálogo China- Japão

«A guerra japonesa contra a China foi uma agressão» — declarou na segunda-feira o Primeiro-Ministro japonês Nakasone.

Esta declaração, que teve um grande eco nos meios políticos chineses, foi considerado pelo jornal «Renmin Ribhao» de Pequim «um passo positivo no desenvolvimento contínuo das relações chino-japonesas».

Num comentário publicado no início desta semana, o jornal acrescentou que «é lamentável o facto do Japão não ter reconhecido claramente mais cedo que conduziu uma guerra agressiva contra a China».

O jornal sublinhou que «o que importa não é só reconhecer os factos históricos, mas também, estar pronto para tirar conclusões para o futuro, a fim de impedir o retorno ao Japão das forças militaristas».

Esta declaração do Primeiro-Ministro japonês coincidiu com o final das conversações chino-japonesas, no decurso das quais Nakaido, o emissário especial do chefe do governo nipónico, garantiu que o Japão não se tornará uma potência militar e que continuará a reforçar as suas forças armadas unicamente para fins da sua própria defesa.

Segundo os dirigentes chineses, o diálogo chino-japonês «não só aumentou a compreensão mútua, mas também reforçou as bases do desenvolvimento contínuo das relações bilaterais».

Conversações sobre a Namíbia

A segunda fase das conversações entre Angola e a África do Sul sobre a redução da tensão entre os dois países e a descolonização da Namíbia teve lugar na quarta-feira na ilha caboverdiana do Sal durante algumas horas.

No entanto, este encontro angolano-sul-africano foi perturbado por um problema de protocolo: a ausência a frente da delegação de Pretória de uma personalidade do mesmo nível que o ministro angolano do Interior, Alexandre Rodrigues «Kito», que presidia a delegação angolana.

Por essa razão o ministro angolano não assistiu às conversações que duraram duas horas, dirigidas respectivamente por Venâncio de Moura, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola e Hans Van Dalsel, director-geral dos Negócios Estrangeiros da África do Sul. No entanto, essas conversações tiveram um resultado concreto: as negociações bilaterais deverão ser retomadas brevemente.

Os meios diplomáticos de Cabo Verde consideram que o futuro destas negociações depende em

grande parte da atitude de Pretória, já que Angola continua por seu lado disposto a buscar uma solução para o problema da segurança nas suas fronteiras e para a independência da Namíbia.

Num discurso que pronunciou na terça-feira em Luanda, na inauguração dos trabalhos da Assembleia Popular de Angola, o presidente José Eduardo dos Santos indicou que o seu país era favorável ao desenvolvimento de acções diplomáticas destinadas a acelerar a aplicação da resolução 435 da ONU sobre a questão namibiana, a fim de «aliviar a tensão existente».

Contudo, o chefe de Estado angolano sublinhou que tais acções não deviam «atenuar a vigilância de Angola», nem «a sua determinação em defender militarmente o seu território e as suas conquistas revolucionárias».

O problema da descolonização da Namíbia constitui também tema principal da reunião efectuada na quinta-feira em Ottawa (Canadá) pelos representantes do «Grupo de Contacto» ocidental.

OLP: Yasser Arafat reeleito presidente do Comité Executivo

Reeleito terça-feira em Argel à testa do Comité Executivo da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat garantiu «que nenhum diktat poderá dividir os palestinianos cuja aliança foi selada no sangue».

Em conclusão da 16.ª sessão do seu Conselho Nacional, a OLP aprovou os planos árabe de Fez e o do antigo presidente soviético Leonide Brejnev como base de resolução do conflito do Médio-Oriente. Os deputados palestinianos aprovaram também a decisão da ONU de organizar este ano uma «conferência internacional para apoiar os direitos fundamentais do povo palestiniano».

Quanto ao plano Reagan, o porta-voz oficial do parlamento palestiniano, Ahmed Abderrahman, anunciou que foi declarado «não aceitável» pelo Conselho Nacional Palestino, por não «satisfazer na sua substância os direitos nacionais e imprescritíveis do povo pale-

tiniano, porque ignora o direito ao regresso, o direito à autodeterminação e à criação de um Estado palestiniano, assim como ignora a OLP na sua qualidade de representante único e legítimo do povo palestiniano e está em contradição com a legalidade internacional».

Abderrahman afirmou que é por isso que o Conselho Nacional Palestino declarou o plano Reagan «não aceitável como base para a resolução justa e durável da causa palestiniana e do conflito israelo-árabe». O porta-voz precisou contudo que o plano norte-americano não foi rejeitado.

Precisou que a OLP está disposta a discutir com os Estados Unidos «com a condição de tomarem em consideração o nosso direito à autodeterminação e à criação de um Estado palestiniano independente».

Confirmou também que o plano de Fez fora aceite pelo parlamento palestiniano como «uma

base mínima para a resolução do conflito israelo-árabe porque é aceite por todos os países árabes». Finalmente, o porta-voz confirmou igualmente que houve um consenso a favor do princípio do estabelecimento de uma confederação jordano-palestiniana, mas subordinado à criação prévia de um Estado palestiniano.

Outra decisão desta 16.ª sessão do Conselho Nacional palestiniano é a de reactivar a campanha pela libertação dos presos palestinianos que foram presos pelos israelitas nos territórios árabes ocupados. Está previsto no campo da Informação e da Cultura a criação de um conselho especial para a edição e propagação de obras literárias de temas palestinianos.

A sessão chamou ainda a atenção especial para a necessidade de reconstruir o centro de investigações palestinianas que foi saqueado pelos agressores israelitas após a tomada de Beirute Ocidental.

Economia africana

A economia africana foi profundamente atingida pela recessão internacional em 1982, com uma taxa de crescimento negativo, pelo terceiro ano consecutivo — indicou um relatório assinado por Adebajo Adedeji, secretário da Comissão Económica da ONU para África (CEA).

O estudo afirma que o volume de artigos de serviços, produzidos em África, baixou 1,4 por cento. Os rendimentos em divisas baixaram de maneira drástica, tanto para os países exportadores de petróleo como para os não produtores, acrescentou o relatório.

A contracção do mercado do petróleo, declarou a CEA, afectou a África pelo facto de aquele produto representar mais de 71 por cento das suas vendas totais e cerca de um quinto do produto interno total.

BANGKOK — Os três países socialistas da Indochina — Vietnam, Laos e Kampuchea — terminaram na quarta-feira a sua primeira cimeira desde 1975. Realizada em Vientiane, capital do Laos, esta reunião de dois dias, decidiu prosseguir este ano a retirada parcial das tropas vietnamitas presentes no Kampuchea. A cimeira decidiu também a constituição de um comité de cooperação conjunta destes três países.

LINGUÍSTICA

BUJUMBURA — A utilização das línguas nacionais e regionais nos sistemas de comunicação no meio rural da África Central e Oriental constitui o tema de um colóquio organizado pela Unesco, no qual seis países desta sub-região africana, participam e que decorre desde quarta-feira em Bujumbura, capital do Burundi.

JORNALISMO

PRAGA — Foi inaugurada na capital da Checoslováquia a Escola de Solidariedade da Organização Internacional de Jornalistas (OIJ), à qual foi atribuída o nome Julius Fucik, conhecido jornalista checoslovaco, que morreu há 40 anos na luta contra o fascismo. A escola tenciona preparar jornalistas dos países em vias de desenvolvimento.

CUSTO DO CAFÉ

ABIDJAN — Delegações da Indonésia e da Costa do Marfim, os dois maiores produtores mundiais de café robusta, estão a negociar na capital marfinense medidas de defesa das cotações, das suas exportações. Espera-se que a Indonésia e a Costa do Marfim também lancem um apelo aos outros exportadores de café, no sentido de que suspendam as vendas aos países importadores que não são signatários do acordo internacional sobre o café.

LONGEVIDADE

MAPUTO — Um habitante da capital moçambicana chamado Bukhlapfeny Mialu tem 80 netos, 100 bisnetos e trinets. Não obstante os seus 100 anos de idade, este longeva de Maputo está de boa saúde e mantém a sua ocupação tradicional, ou seja, preparar rapé e vendê-lo no mercado. São muito raros os casos de longevidade em Moçambique, onde nos tempos do colonialismo a duração média da vida era cerca de 40 anos.

Petróleo: "Guerra de preços" em perspectiva

A decisão da Nigéria de reduzir para 5,5 dólares por barril o preço do seu petróleo, medida já tomada pela Noruega e pela Inglaterra, desencadeou uma guerra de preços no mercado mundial do petróleo cujo desfecho é imprevisível.

Esta opinião foi manifestada no início da semana em Bruxelas onde, segundo uma análise, o preço do petróleo deverá baixar 25 por cento para que o produto bruto dos países ocidentais aumente de 0,5 para 0,75 por cento. Todavia, a baixa contínua dos preços de petróleo anuncia um novo endividamento dos países em vias de desenvolvimento.

Além disso, sublinhou-se em Bruxelas, os países membros da OPEP (exportadores de petróleo) terminarão este ano com um défice da balança de pagamentos de 22,6 bilhões de dólares. Um tal desenvolvimento da situação, poderá obrigar os países da OPEP a retirar os seus eurodólares dos bancos ocidentais e reduzir assim o seu «limite» de segurança de uma falência geral.

PROPOSTA DE ARGEL

Depois da decisão de alguns países de reduzir o preço dos seus petróleos e a possibilidade de uma baixa iminente pelos

produtores do Golfo, os responsáveis argelinos inquietam-se com esta «derrapagem», que poderá degenerar numa «guerra de preços», razões pelas quais propuseram uma reunião extraordinária da OPEP.

Segundo o diário argelino «El-Moudjahid» esta reunião poderá realizar-se até o dia 27 de Fevereiro. «Desejamos que nenhuma decisão no domínio dos preços seja tomada antes da reunião extraordinária da OPEP», afirmou «El-Moudjahid» referindo a fontes próximas do ministério argelino da Energia e das Indústrias Petroquímicas.

Yasser Arafat visita Bissau

O líder palestino, Yasser Arafat, deverá visitar o nosso país em data a confirmar. A notícia foi anunciada pelo camarada Tiago Aleluia Lopes, do BP do P.A.I. G.C. e da Comissão de Controle e Verificação do Comité Central, no seu regresso da Argélia, na segunda-feira passada, onde representou o Partido na Assembleia do Conselho Nacional Palestino a convite da OLP.

Segundo aquele membro do BP que manteve contacto com o líder da OLP, este amigo do nosso país anunciou que já está a preparar-se para uma visita ao nosso país, a convite do nosso Partido.

Na sua intervenção perante a tribuna da assembleia parlamentar palestina, o camarada Tiago Aleluia Lopes manifestou a nossa condenação enérgica contra o Estado sionista agressor de Israel e reiterou a nossa solidariedade indefectível ao povo e países árabes, em particular ao Líbano e ao povo palestino e a sua vanguarda revolucionária a OLP.

Referiu-se ainda à determinação do nosso povo, anunciada pelo camarada Presidente Nino Vieira, em receber ao nosso país os combatentes palestinos, manifestando-se convicto de que dessa assembleia

sairão decisões importantes para o prosseguimento da luta pela liberdade, paz e progresso social.

A situação actual da OLP é difícil, segundo o seu dirigente máximo, que considerou este último incidente de Beirute como uma escola da qual saberiam tirar lições, dentre elas a mudança da estratégia da luta. Contudo, os dirigentes palestinos chegaram à conclusão que as principais causas do fracasso resultaram da falta da unidade e apoio. Por isso, uma aliança dos povos árabes é necessária para a concretização desse objectivo, concluí-

ram os dirigentes palestinos.

REUNIÃO COM ESTUDANTES

Entretanto, aproveitando a sua estadia na capital argelina, o camarada Tiago reuniu-se com os nossos estudantes que apresentaram as dificuldades que enfrentam nesse país, sobretudo no período das férias, tendo adiantado algumas propostas para serem analisadas pelas entidades competentes do país.

Dentre essas propostas há a salientar a possibilidade de concessão de bilhetes de passagem, ida e volta, para férias no país, ou subsídios de férias.

Museu de Luta será inaugurado no próximo ano

A inauguração do futuro Museu (provisório) de Luta de Libertação, está prevista para o próximo ano e culminará com as comemorações do 60.º aniversário do nascimento do Militante n.º 1 do PAIGC e Fundador da nossa nacionalidade, camarada Amílcar Cabral.

Esta informação foi difundida no último encontro tido no Secretariado do Partido entre os membros da comissão de recolha para a criação do futuro Museu de Luta de Libertação com o sr. Alexis Nevercovitch, secretário científico do Museu Central Lenin de Moscovo, que se encontra no país há três meses, a colaborar na preparação e recolha dos elementos necessários à criação do nosso museu, a convite do Comité Central do PAIGC.

Segundo este técnico, participante na construção de vários museus de diversos países, entre os quais Cuba, Guatemala, Afeganistão e Congo Brazaville, o Museu da Guiné-Bissau poderá vir a ser um dos melhores da África e a nível internacional, devido não só às riquezas das fontes que possui, como também à experiência já adquirida neste domínio, o que permitirá evitar certos erros já cometidos por alguns países.

De momento será feito um museu provisório, esperando-se pois a construção de um moderno, a longo prazo.

Ao longo dos trabalhos levados a cabo, a comissão de recolha analisou vários arquivos do Comité Central do PAIGC sobre a vida de Amílcar Cabral e a Luta de Libertação Nacional, tendo em seguida efectuado deslocações ao interior do país e ao estrangeiro.

No interior, a comissão visitou Bafatá, concretamente o lugar onde nasceu Amílcar Cabral, Gabú, Farim e Morés. No estrangeiro visitou a antiga sede do Partido em Ziguinchor e Samine, ambos na República do Senegal, tendo posteriormente visitado, na Guiné Conakry, a antiga secção de informação do PAIGC, a residência de Amílcar Cabral e o Jardim de infância.

Terminada esta primeira etapa de trabalhos, a comissão já elaborou um relatório que será submetido à apreciação do CC do Partido, contendo várias propostas com vista ao melhoramento dos trabalhos a serem levados a cabo, entre os quais, a criação da direcção dos trabalhos, formação de quadros. Neste sentido já se realizou um seminário, no mês de Janeiro findo, com vista à capacitação dos participantes na recolha de dados.

APELO DA COMISSÃO

Tendo em conta que a participação nos trabalhos de recolha é dever de todos os cidadãos nacionais, incluindo as células do partido, a comissão de recolha, de momento constituída por quatro elementos, nomeadamente os camaradas Filinto Barros, chefe da comissão, Luísa Borges, Wilson Barbosa e Bernardo Mango, apela por este meio a todas as pessoas possuidoras de fontes necessárias, a colaborarem no sentido de facilitar os trabalhos a serem levados a cabo.

Este trabalho, que decorreu na presença do camarada Francisco da Silva (Chico Bá), delegado pelo CC do Partido, terá continuidade com os técnicos soviéticos em Novembro, data prevista para o seu regresso de Moscovo.

Conselho de Ministros aprova o aumento de preços de combustíveis

O Conselho de Ministros aprovou na sua reunião de quarta-feira passada novos preços de combustíveis para o país. Assim, a gasolina super que era 32 pesos passou para 40 pesos e normal que se vendia a 30 pesos custa agora 38 pesos. O gasóleo sobe de 15 para 20 pesos e o petróleo de 18 para 23 pesos.

Foi anunciado igualmente que no próximo ano haverá um novo aumento de preços. Este aumento também decidido nesta mesma reunião do Conselho de Ministros será o seguinte: gasolina super 41 pesos, normal, 39 pesos, gasóleo 22 e petróleo 23 pesos.

O documento elaborado pela Comissão Técnica encarregada de estudar a alteração dos preços de venda, salienta que «a situação cambial, no que toca aos combustíveis é extremamente preocupante. Com efeito, pelo consumo médio previsto pode-se estimar um gasto anual na ordem de 11 milhões de dólares para a sua importação».

Este aumento, teve em conta o aumento indiscriminado no preço

dos combustíveis que terá grave repercussões nos níveis gerais de preços e consequentes efeitos sobre a produção, nomeadamente, através de custos dos transportes e do kwh, e procurou-se atender ao seguinte:

Atenuar o impacto dos aumentos na economia do país, distribuindo os preços por dois anos, privilegiar o preço do gasóleo para o Instituto Nacional de Energia, que era de 11 pesos passou agora a ser 14 e no próximo ano será a 16 pesos. Isso devido à importância que assume a nível do sector produtivo e social, não obstante os prejuízos que daí decorrem para a Dícol.

O agravamento do preço da gasolina super em apenas 25 por cento justifica-se pelo facto de que a maioria dos carros utilizando aquele produto serem propriedade do Estado e, por conseguinte, o aumento de custo volte a onerar em última instância o próprio Estado. O agravamento proposto irá afectar os orçamentos dos Ministérios na rubrica «Combustíveis» determinando por parte dos mesmos uma maior e melhor racionalização na utilização das viaturas.

Quanto à gasolina normal optou-se por um agravamento de cerca de 27 por cento. Trata-se de um produto utilizado pelo sector pro-

ductivo (transporte colectivo de passageiros — «candongas» e táxis) e pelo sector da defesa nacional — FARP.

O documento sublinha ainda de que «no tocante aos táxis e candongas estamos convencidos de que o aumento agora efectuado não afecta de forma alguma a produtividade do sector». Recordar-se que ele é dos mais rentáveis da nossa economia. Por tal motivo não se prevê a revisão da tabela de fretes.

Neste aumento não se considerou o caso do JET A 1 que é vendido às companhias aéreas estrangeiras uma vez que o seu preço é de acordo com o mercado internacional.

Simpósio sobre Amílcar Cabral

A Comissão Preparatória do Simpósio Internacional sobre «Amílcar Cabral e a Luta de Libertação Nacional e Social em África», reuniu-se no passado dia 22 de corrente mês, em Bissau. O Simpósio realizou-se nos dias 26 e 27 do próximo mês de Março, sob a égide da Juventude Africana Amílcar Ca-

bral e com o apoio da União Internacional de Estudantes (UIE) e da União dos Estudantes Africanos (AASU).

Recordamos que por ocasião da realização desta reunião será também organizado na nossa capital um seminário internacional denominado «A erradicação do

Analfabetismo em África» de 28 a 30 de Março, e a 31 do mesmo mês, a reunião consultiva do Comité Executivo da UIE com vista à preparação de 14.º Congresso desta organização estudantil. O Simpósio culminará a 27 de Março, com uma Marcha sob o lema «África Zona de Paz».

FICHA TÉCNICA - JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, G. P. 154 - BISSAU

DIRECTOR: António Soares; CHEFE DE REDACÇÃO EM EXERCÍCIO: João Quintina.

REDACÇÃO: Antócio Alves, António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Morgado, Cristóvão Mango, Faustino Góia, Fernando Jorga, Fernando Ferdigão, José Tchalles, Pedro Albino, Simão Abina. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Gá, José Tehuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idal Miranda, Ivete Monteiro.